TRABALHO: A HORA DE O HOMEM APRENDER A SER COMO DEUS

Pe. Hélcion Ribeiro
em estudos de pós-doutorado — Roma

A felicidade e a realização humana não se esgotam no homem, ao menos é isto que os cristãos crêem. Também não se estabelece só numa relação dupla (homem e Deus). Há um outro fator cada vez mais conscientizado pela própria humanidade: o homem se plenifica na relação com Deus e com o seu universo cósmico, mais imediatamente com seu espaço vital.

Pelo trabalho o homem se relaciona com Deus, e pela natureza aprende a ser como Deus: semelhante a Ele. Os cristãos crêem assim e tal o anunciam (ou deveriam anunciar) missionariamente entre os outros homens, irmãos seus na caminhada para Deus. Uns e outros se encontram de modo peculiar através das relações do trabalho. Trabalhar humaniza e diviniza o homem. Todavia o trabalho mantém íntimo compromisso com o espaço vital da comunidade humana.

Deste modo, no presente texto queremos levantar algumas implicações entre trabalho — ecossistema — qualidade de vida. E procedemos em três momentos, que concentricamente crescem de modo conjunto ao ressaltar um aspecto da proposta.

I. **Fundamentos teológicos para a reflexão presente**

1. Deus e o homem — jogo de amor

Todo homem é querido e amado por Deus. Ele criou o homem à sua imagem para que o homem venha a ser sua semelhança. E por isto Deus não pode não amá-lo. O homem, na sua individualidade, não esgota a imagem de Deus. Só coletivamente — e em Jesus, o Cristo de Nazaré — o homem é definitivamente imagem de Deus. Deus criou a humanidade adamítica à sua imagem (cf Gn 1,27). E Ele ama a cada um e a todos coletivamente já antes mesmo da criação do mundo (Ef 1,4), porque os vê através do homem prototípico Jesus, seu Filho Unigênito.

Nestes princípios se enquadram também os cristãos (católicos, protestantes e outros batizados mais). Os cristãos se crêem privilegiados neste plano de Deus, não por méritos pessoais; mas na gratuidade de Deus que os escolheu como parceiros especiais e aceita — por Cristo, com Cristo e em Cristo — destacadamente sua colaboração. Pela doutrina católica (e cristã em geral), os batizados têm u'a missão particular no mundo. Não poucas vezes, estes batizados — na vida concreta — não têm consciência (ou quiçá nem o sabem?) do seu valor específico: são eles — quer individual quer coletivamente (daí a Igreja, sacramento de salvação) — sinais explícitos da salvação de Jesus Cristo.

Testemunho concreto e corajoso da certeza de que Deus quer bem e ama todos os homens

Na sociedade em que vivem, os cristãos são chamados (e deveriam sentir-se assim) a serem e darem testemunho concreto e corajoso da certeza de que Deus quer bem e ama todos os homens; que todos os homens são imagens dele e são chamados a serem, um dia, *como* Deus, semelhantes a Ele (cf 1Jo 3,2). Ser cristão hoje na história é antecipar, também no sentido social e moral, a realidade definitiva que Deus reserva à humanidade toda: participar da vida intradivina. Vida que é situação de amor pleno e solidário.

Diante de todos os outros homens, seus irmãos, os cristãos não podem viver senão na certeza do futuro da humanidade e da natureza toda (cf Rm 8,22). Por vezes a história evidencia que não poucos cristãos vivem olhando demais o futuro intemporal (o céu), esquecidos de que o Reino de Deus é histórico também (pertence também à terra). Assim, alguns se davam ao abuso de transformarem sua fé cristã numa religião só de orações e cerimoniais, de sacrifícios e penitências, esquecidos de que o amor a Deus sem o amor aos irmãos é uma farsa (cf Mt 25,31ss; Tg 2, 1-7; 1Jo 4,20).

O cristão vive com um olho no futuro e outro no seu espaço sócio-político-econômico e cultural. Suas mãos se dirigem, uma ao céu e outra à terra dos irmãos — elas são uma ponte. Seria tão alienado o cristão que só vivesse para o céu quanto outro homem que só vivesse como se a terra fosse tudo. A unidade entre fé e política (realidade divina e realidade humano-social) é o que caracteriza um cristão maduro. Neste sentido, o cristão se sabe amado e querido por Deus, sabe também que é (deveria ser) testemunho vivo e confiante de que Deus criou a humanidade à sua imagem e a ama assim; ainda mais, sabe que todos os homens caminham, nesta história, para Deus, onde serão sua semelhança.

2. Espiritualidades e mentalidades diversas

Estes princípios teológicos do cristianismo me ocorrem extamente ao pensar no trabalho humano. Para o cristão, o trabalho é (deveria ser) uma fonte rica de assemelhamento a Deus.

Explico-me primeiramente pela negação (1) e depois pela afirmação (2).

Não infreqüentemente uma espiritualidade "cristã" dicotomiza o trabalho e a espiritualidade

1. Não infreqüentemente uma espiritualidade "cristã" dicotomiza o trabalho e a espiritualidade. Calcando na simbólica da "queda original" (Gn 3), acentuou-se o trabalho como conseqüência do pecado. Evidentemente, é uma interpretação limitada, pois que biblicamente o trabalho não começa após a explusão do paraíso; antes, por este fato, o trabalho se torna pesado e sacrificoso porque o homem está distanciado de Deus.

Tal mentalidade negativa também foi enriquecida simbólica e praticamente, quando (a) alguns cristãos — clérigos ou monges — foram se dedicando a uma vida espiritualística (como se estivessem atingindo a perfeição cristã) ao contrário dos outros que deveriam trabalhar e conseguir o pão com o suor físico do trabalho; (b) é evidente que também os antigos gregos pensavam semelhantemente: era mais perfeito quem se ocupava das coisas do "espírito" (as idéias). Só os escravos e o povão estavam "condenados" ao trabalho porque não eram perfeitos; (c) ainda mais: todos os vencidos das guerras e os pobres foram obrigados a entregar os frutos do seu trabalho aos "vencedores", aos reis e nobres, aos "grandes" e aos "senhores"; (d) no Brasil, os portugueses consideravam os índios "vadios", porque se recusavam a trabalhar para aqueles que gostavam muito de mandar. Os escravos negros são eloqüente prova de que nossos colonizadores não tinham apreço pelo trabalho pesado; seus filhos seriam militares, clérigos ou advogados.

2. O trabalho é explicado na Bíblia como forma de participação na vida de Deus e de assemelhamento progressivo a Ele. — Confira o texto sacerdotal de Gn 1,26b: Deus criou a humanidade para que dominasse (trabalhasse) sobre a terra, o céu e o mar; Gn 1,28: e Deus os abençoou para que vivessem sua missão laborial. Ou conforme o texto javista de Gn 2,4ss: Antes do homem, sobre a terra e o céu nada havia; só depois de ter modelado o homem, de ter insuflado em suas narinas e feito dele um ser vivente, é que Deus "plantou um jardim no Éden" e o deu ao homem "para que este o cultivasse": simbolicamente quer dizer: o homem organiza e administra — pelo seu trabalho — o mundo de Deus, participando do seu poder, aprendendo assim, já em certo sentido, a ser *como* Deus.

Deus é Amor (1Jo 4,8) e como Amor dá origem e vida a todo outro ser que não é Ele unitrinitariamente. O homem, ser criado para participar deste amor, organiza e desperta o sentido daquilo que não é Deus. O cristão — missionário no mundo — por pura bondade de Deus, na intermediação da Igreja, pela força do Espírito de Jesus, diz a si e a seus irmãos que todo o criado tem sua própria autonomia, mas mantém referência a Deus, seu criador. O cristão explicita (ou deveria explicitar) que, apesar desta autonomia própria, tudo e todos têm referência a Deus.

O trabalho humano é (deveria ser) um alegre e amoroso empenho

3. **Trabalho para assemelhar-se a Deus**

O trabalho humano é (deveria ser) um alegre e amoroso empenho, pois oportuniza e faz o homem assemelhar-se a Deus, de quem é imagem. Porém, ao olhar a realidade humana, percebe-se o quanto se está longe desta motivação.

O trabalho não é visto (inclusive por não poucos cristãos) como forma de realização humana. Perpassa as sociedades uma mentalidade de que o trabalho é ocasião "sine qua non" para a sobrevivência; para alguns, ele é ocasião de sair da miséria e enriquecer-se; para outros, o trabalho é como que uma "sina" à qual se está condenado. Assim, o trabalho é um peso, um fardo do qual as pessoas desejariam desfazer-se o mais rápido possível. Talvez alguns trabalhadores labutem até com simpatia pelo que fazem. Mas, são bem menos aqueles que dão testemunho alegre de participarem assim da construção do Reino de Deus e da plenificação da humanidade e da própria natureza.

Às vezes, não sem razão isto acontece. Nas sociedades industrializadas, sempre mais, o trabalho anonimiza o homem: a mecanização crescente anula a pessoa do trabalhador. A duras penas, o trabalhador de países desenvolvidos conseguiu obter melhorias e vantagens profissionais — mas com que dificuldades as mantém! Nos ex-países de economia socialista, a exploração estatal e a corrupção de alguns burocratas fez com que mulheres e homens se desinteressassem pela construção de uma sociedade dirigida pelos trabalhadores. Nos países onde predominam os pobres (e miseráveis), o trabalho é tão poucamente remunerado, tornando-se freqüente fonte de angústias para o trabalhador, que se vê na contingência de aceitar qualquer coisa que se lhe apresente — pois existem inúmeros outros desempregados que também se deixariam explorar. No contexto dos países pobres, também os dadores de trabalho, não infreqüentemente, se vêem forçados a explorar seus operários sob pena de se verem eliminados também. E assim o trabalho se torna ocasião freqüente e radical para o homem se tornar lobo do próprio homem. Os princípios cristãos de assemelhamento a Deus nosso criador, o modelo da solidariedade trinitária, a fraternidade da raça humana, são como que pospostos para se poder assegurar um fio de sobrevivência ainda.

Tanto estruturas quanto conjunturas sociais e culturais — não apenas as econômicas, como acima acenadas — evidenciam a distância entre a realidade e os princípios cristãos frente ao trabalho. Os preconceitos por determinados tipos de trabalho, "enobrecendo" alguns e "rebaixando" outros, agudizam a pouca força de uma espiritualidade do trabalho. A diferenciação salarial — tão gritante entre os povos africanos, asiáticos e latino-americanos — sugere a não poucos homens e mulheres a prática da corrupção e do oportunismo. A divisão entre o trabalho do homem e da mulher propicia a manutenção do status de "pessoas superiores" e "inferiores". O discriminatório acesso ao estudo e a determinadas profissões, na verdade, mantém nossas sociedades em nível de relacionamento desarmonioso, em prejuízo da própria comunidade humana.

É necessário um empenho praxístico de transformação sócio-comportamental

Sendo o cristianismo uma fraterna mensagem de fraternidade, não basta educar seus seguidores e simpatizantes em princípios — por mais verdadeiros e radicais que sejam. É necessário um empenho praxístico de transformação sócio-comportamental tanto a nível interno das instituições religiosas (comportamento de padres e pastores, de bispos e superiores, de diretores de colégios e hospitais, etc.) quanto na participação política da construção social de uma democracia econômica e política, a fim de que possam surgir novas relações no trabalho. Houve um tempo em que *"princípios"* determinavam comportamentos sociais e individuais; vivemos, hoje, sempre mais um tempo pragmático, e se os cristãos não puderem, por ações e testemunho, viver a sua *"palavra"*, eles se tornam "vozes ao vento".

II. **O trabalho e a relação com a ecologia (também em Santa Catarina)**

Nossos princípios cristãos para o trabalho humano não podem se esgotar no trabalho, nem mesmo na justiça social e econômica. A ação humana se estende sobre todo o criado. O homem pelo seu trabalho interfere na criação toda. Ou, dito com a linguagem habitual do homem contemporâneo: o trabalho humano atinge a todos os níveis da vida dos homens, da natureza e do cosmos. Assim, se o trabalho deve ser visto em função do homem, não menos pode ser visto em função do sistema ecológico.

A destruição do meio ambiente, nas últimas décadas, tem sido muito intensa. A ânsia pelos lucros e a exploração dos recursos da natureza — através do trabalho — põe em risco a sobrevivência da humanidade. Assim, o trabalho não pode mais ser considerado independentemente do meio ambiente. Há uns anos atrás, esta reflexão não teria sentido. Hoje, no entanto, ela se impõe como necessidade.

Nem todo trabalho é honesto e justo, a ponto de não se poder mais deixá-lo à escolha e ao interesse de indivíduos e/ou grupos

Nem todo trabalho é honesto e justo, a ponto de não se poder mais deixá-lo à escolha e ao interesse de indivíduos e/ou grupos, que se sobrepõem aos interesses comuns e da sociedade humana. Trago exemplos em dois níveis.

a) Centenas de pesquisadores (portanto, de trabalhadores altamente qualificados) desenvolvem suas investigações no campo

nuclear, ou do controle da natalidade ou de pesquisas do código genético. O trabalho deles é muito importante para o futuro da humanidade. Todavia, os desastres em muitos desses campos têm levado muitos homens, mulheres e crianças a pagarem um preço muito alto, o que indica a necessidade de que tais pesquisas venham a ser acompanhadas também por outros segmentos sociais. A pesquisa militar — trabalho cada vez mais avançado e sofisticado — na sua essência ou raiz, é um instrumental de morte. Na ação militar sempre está presente a guerra, a destruição e a morte; todavia a humanidade já teria novos instrumentos políticos para buscar a paz e afastar a guerra e seu instrumental. A pesquisa industrial oportuniza novas formas de lucro — com constantes prejuízos para a atmosfera comum, para a terra fértil e para a água vital. É importante o desenvolvimento industrial; todavia não pode ser feito a qualquer preço.

b) Além dos exemplos acima assinalados — que têm dimensão macroestrutural — existem outros mais imediatos. Prefiro determe mais neles, porque se referem mais diretamente à vida compartida pelos leitores de "ENCONTROS TEOLÓGICOS" e que pertencem ao espaço catarinense.

. **Envenenamento de terras agricultáveis.** Urubici detém uma das mais férteis terras catarinenses para produtos hortigranjeiros. Empresas muitas, nacionais e transnacionais, convenceram aqueles trabalhadores rurais ao intensivo uso de insumos agrotóxicos que garantem melhor produção. E desde então centenas de toneladas de elementos químicos são jogados naquelas terras que o rio Canoas fecunda. Para conservar artificialmente a fertilidade, hoje se arrisca toda a saúde daquelas terras que certamente dentro de duas ou três décadas estarão gravemente irrecuperáveis, caso o processo continue; por outra: aqueles trabalhadores rurais (proprietários ou não) não estão tendo o compromisso com a vida de seus filhos e netos, preparando-lhes em testamento

Arriscamos nosso futuro como terra produtora de alimentos para satisfazer a imperativos econômicos alienígenas presentes

uma terra gasta e morta. O mesmo ocorre com o incentivo ao plantio, em larga escala, de soja, no Meio-Oeste e Oeste catarinense. Arriscamos nosso futuro como terra produtora de alimentos para satisfazer a imperativos econômicos alienígenas presentes que nos constringem a produzir para exportar, consumindo adubos e insumos que devoram, já, todas as vantagens a longo prazo. Estes dois exemplos se estendem a tantos outros lugares. Mas, é possível produzir sem danificar tanto a terra agricultável que será a de nossos filhos. Será?

.**As barragens do rio Uruguai.** É certo que o homem sempre interferiu no espaço geográfico, para pô-lo a seu serviço. E isto é justo! No entanto, o trabalho a ser gerado pela construção destas usinas — que terão vida tão curta — será um forte fator de desequilíbrio ecológico, frente aos quais os técnicos da Eletrosul — outros trabalhadores! — não têm competência técnica e nem social para aquilatar todas as conseqüências.

. **Exploração das minas de carvão.** O carvão não só é uma necessidade industrial, como é também uma fonte dadora de trabalho. No entanto, a exploração predatória, como tem sido feita, vem sempre mais danificando águas, rios e matas — e já o próprio homem — na região de Criciúma. Toda esta região cresceu muito em torno do trabalho da exploração do carvão. Qual é o legado que esta atividade laborial está preparando para seus filhos e netos? Aqui existe uma responsabilidade, especialmente, dos mineiros cristãos, que têm direito ao seu pão, mas também uma responsabilidade sobre o pão de seus filhos e netos.

. **Contaminação dos rios e desmatamento.** Rios nossos, como o do Peixe e Canoas, além de tantos outros, recebem anualmente toneladas de resíduos (lixo) tóxicos que causam a evidente morte dos peixes, e amanhã impossibilitarão a vida sadia de milhares de catarinenses. As matas, por toda parte, diminuem muito rapidamente para dar espaço a que trabalhadores explorem novos espaços. Tanto os rios quanto as matas são espaços vitais para o equilíbrio da fauna, da flora, do clima, e portanto do homem. Que os rios e matas venham a ser explorados, é uma necessidade. No entanto, este trabalho não pode ser feito sem mais, pondo em risco a vida sadia de hoje e das gerações futuras.

. **Programação do desenvolvimento.** Gerir politicamente o espaço social e econômico é uma atividade, um trabalho público, necessário ao equilíbrio presente e futuro de um povo. Autoridades públicas catarinenses, no início da década dos anos 60, idealizaram uma Santa Catarina com crescimento social e desenvolvimento equilibrado a partir de um ilhamento (o que não é sinônimo de isolamento) de oito polos aglutinadores. Após 25

Uma nova projeção do "modelo catarinense" há de necessariamente incluir as relações entre trabalho, fator populacional, e meio ambiente

anos (1985), empresários sobretudo pediram, não a revisão do modelo, mas, usando a expressão "modelo catarinense", solicitaram às autoridades estaduais a retomada daqueles mesmos princípios. Uma nova projeção do "modelo catarinense" há de necessariamente incluir as relações entre trabalho, fator populacional, e meio ambiente.

. **Pesquisa.** A transferência de tecnologia agrícola e/ou industrial é um fator para o desenvolvimento dos povos. Tal tecnologia, porém, não deveria ser gerida sob os exclusivos fatores, racionalidade e rendimento. Aqui devem atuar também fatores sociais e éticos. Pois que a implantação de nossos parques tecnológicos e a inovação no trabalho repercutem na sociedade, na família e nos indivíduos, seja enquanto geradoras de trabalho, seja como geradoras de novos comportamentos, e seja mesmo como incidências no espaço vital do homem. Algumas indústrias e as universidades catarinenses são centros geradores de pesquisa, de novas tecnologias e de adaptação tecnológica (às vezes de pura transposição também). Tal trabalho especializado, se incentivado como busca de adequação e/ou criatividade, que tenha presentes situações geográficas, econômicas e humanas, propiciará comportamentos novos, que construirão solidariedade dos trabalhadores entre si e da inteira sociedade, com o resultado de promover, na justiça, o mundo catarina. Uma sociedade equilibrada é capaz de sustentar o desenvolvimento geral em harmonia com o ecossistema.

. **Sociedade catarinense e trabalho.** Surpreendentes — para mim — foram as palavras do Papa João Paulo II sobre a degradação da qualidade de vida catarinense. A surpresa não foi o fato em si, mas, antes, de até o Papa já ter conhecimento desta situação não apenas emergente, mas cada vez mais presente entre nós. Na relação trabalho e meio ambiente, não pode ser omitida a qualidade de vida social. Todo catarinense tem um compromisso ante esta crescente deterioração do nível de vida; isto se torna, moralmente, mais grave para os cristãos: sejam eles populares, intelectuais, clérigos ou políticos, enfim todo tipo de cristão, homem ou mulher, com alguma responsabilidade pública e/ou comunitária.

O emprego e subemprego, a industrialização e "agriculturalização", a elevação da qualidade de vida, o empenho e responsa-

bilidade pelo espaço ecológico, a dignificação de todo e qualquer catarinense, se entrelaçam nas múltiplas relações sociais.

O trabalho tem implicações para além dos indivíduos e de suas famílias

Ao participar da construção da sociedade catarinense — que consiga eliminar a situação catarina de tantos — sobretudo os cristãos que viverão esta "Campanha da Fraternidade/1991", não poderão deixar de perceber que o trabalho tem implicações para além dos indivíduos e de suas famílias. Todo trabalho tem incidências ético-morais e elas devem ser vistas no conjunto da vida social e ambiental. O trabalho contemporâneo, e também o do futuro, tem um compromisso com nossos filhos e com os filhos dos nossos filhos sucessivamente. O egoísmo contemporâneo — mesmo na luta pela sobrevivência presente — não dispensa o julgamento frente ao compromisso com o futuro, e portanto a responsabilidade ética diante da sociedade, do espaço vital e da natureza toda.

Intelectuais, profissionais liberais e religiosos têm também sua parcela de compromisso ao lado de operários, agricultores e outros trabalhadores terciários. O progresso de alguns não pode ser construído em detrimento de outros e nem do tempo futuro. Nossos filhos — sejam eles caboclos, índios, mineiros, pescadores ou outros mais — ao dirigirem a sociedade catarinense do amanhã, dirão se nossa geração foi suficientemente grande e de visão larga, ou mesquinha, com mentalidade egoísta, à medida que o espaço ambiental, sociocultural e trabalhista que lhes legamos, refletir nosso compromisso com a vida deles também.

III. Tornando-se divino, sendo sempre humano

Com o trabalho, o homem se responsabiliza pelo espaço em que vive, pela causa, comunidade, sociedade inteira e o próprio planeta. A superação da pobreza — e, sobretudo, da miséria — tendo em vista a solidariedade com o outro e com a natureza e a realização de todo homem, é um empenho ético que está em relação direta com o trabalho. Superar as formas atuais que o trabalho impinge aos povos empobrecidos, e a mentalidade de que o trabalho é apenas ocasião de sobrevivência pesada, e substituir perspectivas discriminatórias frente aos irmãos e predatórias frente à natureza, é empenho profundamente cristão, mesmo naquele que não se filia à instituição religiosa.

O trabalho solidário de cultivar o "jardim" do mundo

Só o cristão tem a certeza — e portanto o compromisso missionário de levar os outros a crerem assim também — de que o homem é amado por Deus desde toda a eternidade e para toda a eternidade. Ele sabe que o homem é a imagem de Deus, a quem vai se assemelhando sempre mais. Uma das provas radicais desse fato é o trabalho solidário de cultivar o "jardim" do mundo. Pelo trabalho o homem vai participando da Vida unitrinitária, ao levar a si próprio, os seus e o universo todo à plenificação em Cristo. Criado à imagem de Deus, em Cristo, o homem cristão já se vê envolvido pelo futuro, tendo os olhos no presente. Através do trabalho, suas mãos nas mãos de Cristo criam a ponte entre os outros homens e Deus. E em Jesus encarnado/ressuscitado todo homem ressuscitado estará vestido pelo trabalho humano. A natureza toda participará desta ressurreição, pois que integrada pelo "cultivo" laborial humano assumirá seu frescor inicial, tornando-se o jardim de Deus e do homem definitivamente.

Deus não vai criar outro espaço social para que os homens aprendam a viver de modo justo dentro da história; nem criará outro universo que não incorra no perigo da autodestruição por causa da ação humana. Deste modo, a luta pela justiça social, pela democracia econômica, a estratégia política do trabalho e a responsabilidade ética pelo meio ambiente (ecossistema) se interpenetram; e isto se faz de modo mais intenso entre os pobres e empobrecidos.

Povos industrializados conseguiram um nível de desenvolvimento econômico e social maior, mas às custas da degradação do ambiente. Não é justo que os países pobres repitam — para alcançar o desenvolvimento — os mesmos erros, sobretudo ecológicos e sociais, que aqueles fizeram. Mas também é imoral que

Os povos pobres têm o direito e dever de buscar um desenvolvimento fundado na solidariedade universal

aqueles continuem pressionando os povos pobres, impedindo-lhes crescerem, sem pagar o preço justo pela causa comum. Os povos pobres têm o direito e dever de buscar um desenvolvimento fundado na solidariedade universal, que supere o mero progresso industrial ou mero desenvolvimento econômico, sob pena de manter humanamente pobre a comunidade dos homens e de acentuar os riscos do planeta comum. O desenvolvimento harmônico da economia, sociedade e política, é uma possibilidade à medida que se busca a autonomia solidária de todos, onde o trabalho é um fator fundamental.

A realização pessoal, comunitária e social do homem significa a efetivação da utopia cristã já nesta terra. Se tal acontecesse, nós anteciparíamos o céu. A limitação própria do homem, contudo, impele-o a continuar lutando como se isto fosse possível de ser efetivado.

Os cristãos têm a certeza de que este sonho de plenitude humana se concretizará um dia de modo total. Enquanto isto não acontece, eles se vêem compelidos a missionar entre seus irmãos evidenciando-lhes que isto é possível, senão agora de modo completo, ao menos de forma simbólica e provisoriamente antecipada. Tal certeza eles têm ao verem Jesus, o Cristo de Nazaré, em quem o Pai condensou toda sua esperança e seu amor. Neste Jesus, o Verbo Eterno, Deus vê e ama todos os homens, a quem quer assemelhados a si, pois todos eles trazem a imagem sua e foram feitos para participar da vida de Deus, embora permanecendo homens.

endereço do autor:
Caixa Postal 20
88500 — LAGES, SC

O TRABALHO DE DEUS E O NOSSO TRABALHO

Reflexões a partir de Jo 5,17 e 9,4

In memoriam de Dom Wilson Laus Schmidt (+ 8.5.1982)

Pe. Ney Brasil Pereira Professor de Exegese